

## A VELHICE NA MODERNIDADE SOB O OLHAR DE MENALTON BRAFF

Acadêmica: Marília Martins Ferreira  
Professora Orientadora: Fani Tabak  
Julho / 2009

*“Que é ser velho? [...] em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem.” Ecléa Bossi*

## Resumo

Este trabalho analisa a velhice e seus desdobramentos em contos de Menalton Braff. A análise dos contos apresenta uma relação comum tematicamente, mas sob diferentes focos. O tema é visto em sua relação íntima com o sujeito e na sua interferência com a alteridade. Os reflexos da visão poética empreendida por Braff demonstram uma metáfora da montagem do ciclo da vida e de suas relações com a identidade do indivíduo na sociedade contemporânea. No conto “A coleira no pescoço”, explora-se a rotina de um cão e um velho que se arrastam e se culpam mutuamente. Em “Em branco e preto”, Homero, um viúvo solitário e preso em sua vida enquadrada, tenta sem sucesso resgatar restos de vida em suas memórias. “Adeus, meu pai” é o retrato de um velho pai que faz com que a vida da filha se restrinja à manutenção da sua, tornando-se um fardo. “A sombra do cipreste” é a metáfora ambígua da morte que chega e da vida que perece. Braff consegue, em seus textos, abordar o tema da decrepitude da vida de formas diferentes, mas complementares. Essa fase da vida é revelada com maestria levando a uma reflexão profunda do próprio sentido da existência.

Palavras – chave: modernidade; envelhecimento; Menalton Braff; contos.  
Keywords:

## Abstract

This work analyzes the oldness and its unfoldings in stories of Menalton Braff. The analysis of stories shows a common relation thematically, but under different aspects. The subject is seen in your own close relation with the subject and in own interference with the alterity. The consequences of the poetical vision undertaken by Braff demonstrate to a metaphor of the assembly of the cycle of the life and the relations with the identity of the individual in the contemporary society. The story “A coleira no pescoço”, explore the routine of a dog and an old person that crawled and blame mutually. In “Em branco e preto”, Homero, a solitary windower and imprisoned in your fit life, tries without success to

rescue remaining portions of life in his memories. “Adeus, meu pai” is the picture of an old father who makes with that the life of his son, stay restricts with maintenance of your own life, becoming a pack. “A sombra do cipreste” is the ambiguous metaphor of the death that arrives and the life that perishes.

Braff obtains, in his texts, to approach the subject of the decrepitude of the life that forms different, but complementary. This phase of the life is disclosed with command leading to a felt deep reflection of the proper one of the existence.

Palavras – chave: modernidade; envelhecimento; Menalton Braff; contos.

Key words: modernity, aging, Menalton Braff, stories

## **Introdução**

A contemporaneidade impõe ao ser humano uma situação de constante transformação. Informações, ciência, tecnologia, conhecimento, tudo vai mudando instantaneamente e quando se busca algo é como se esse algo já estivesse se esvaindo, por entre os dedos, dando lugar ao novo que certamente já se aproxima. Nessa nova concepção temporal as coisas se modificam velozmente, ainda que nem todo mundo consiga incorporar essas mudanças ou, ao menos, se adaptar a elas. Conseqüentemente, essas rápidas transformações nos parecem fascinantes, ainda que possam ser esmagadoras:

Existe um tipo de experiência vital — experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida — que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte

de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”. (BERMAN, 1994, P.15)

Ao pensarmos na sociedade moderna, mecanicista por excelência, percebemos claramente a divisão de classes, sejam elas etárias, econômicas, sociais, raciais, entre outras.

Dentro dessa classificação encontramos um aspecto que diz respeito à facção dos idosos que é, na sociedade moderna, colocada à margem já que não mais pode oferecer sua força de trabalho. Além disso, o idoso passa por todo esse desmanche citado por Berman, inspirado na fala de Marx, já que vê as suas memórias se esvaindo e percebe que tudo aquilo que ele viveu já não é mais igual ao “hoje”. O idoso assiste sua vida, suas lembranças e seus momentos se desmancharem e percebe claramente que nada é tão sólido para que permaneça para sempre.

“O velho não tem armas. Nós é que temos que lutar por ele”- escreve Ecléa Bosi em seu livro “Memória e Sociedade”, questionando a idéia da necessidade da luta pelos idosos. Pergunta-se e responde: “Porque temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara.”(BOSI, 1983, p.18 )

É nos velhos que se encontra a memória de uma sociedade, contudo, a formação social na modernidade substituiu a memória pela história oficial, pela “documentação”, pelos registros “verídicos”, que acabaram por elevar ainda mais o pensamento dominante. Embora a memória também nos revele o passado, uma época, seus acontecimentos mais importantes e suas emoções, é muito íntima e subjetiva. A memória tece os fios entre a vida social e a vida interior, traçando o amalgama da existência humana.

A memória de um velho, unindo passado e presente, como nos mostra Ecléa, não é vista de forma relevante para a sociedade de hoje que é massificada. A memória constrói uma “história” que é diferente da História. Enquanto a história construída pelos velhos, pelas suas memórias, mostram acontecimentos isolados, por vezes líricos, que poucas pessoas presenciaram, como a descoberta de um baú velho ou as peripécias infantis, a História conta feitos que remetem a um universo coletivo, compartilhado por grupos.

A História das classes dominantes e dos grandes feitos sempre esteve a cargo da História oficial, aquela que todos estudam na escola como “verdade”, factual; a história contada, entretanto, sempre esteve atrelada àquela que podemos ouvir nas narrativas e que vão demonstrando os sabores individuais da vida, tornando-a uma experiência

diferente da de qualquer outro ser humano que não os viveu, correspondendo a uma espécie de visão lírica da própria História.

A Literatura é também construída por essas narrativas e experiências bem como pelo imaginário do autor. Essas experiências e imaginário podem ocorrer em qualquer época da vida fazendo com que a obra de cada escritor seja construída como uma colcha de retalhos. Aqui se mesclam acontecimentos vividos, memórias e imaginação tanto do próprio criador como das pessoas com as quais ele conviveu.

Muitos escritores abordam o tema do envelhecimento, entre eles o gaúcho Menalton Braff. Professor, contista e romancista, Menalton nasceu em Taquara, Rio Grande do Sul. Em seus dois primeiros livros, “Janela aberta” (romance) e “Na força de mulher” (contos) consecutivamente, encontramos uma narrativa que se ocupa de um velho trabalhador desempregado, às voltas com a rebeldia da filha, insubmissa ao seu mandonismo e aos preconceitos da moral pequeno-burguesa que o atormentam e um punhado de histórias curtas.

Algumas obras de Braff aparecem sob o pseudônimo que adotou de Salvador dos Passos, abandonando-o quando da publicação de “À Sombra do Cipreste”, livro com que ganhou o Prêmio Jabuti em 2000 (Livro do Ano - Ficção). Em novembro de 2000 lança o romance “Que Enchente me Carrega? ”.

Castelo de papel foi dado à luz em outubro de 2002 e esteve entre os finalistas da Jornada de Passo Fundo do ano seguinte. Em abril de 2003 inaugurou-se em literatura juvenil com “A esperança por um fio”, editado pela Ática. Em seguida vieram “Na teia do sol”, pela Editora Planeta, e “Como peixe no aquário”, desta vez pela Editora SM, uma novela juvenil em que o adolescente dos dias atuais se encontra com facilidade. Por esta mesma editora saiu seu primeiro livro infantil, “Gambito”, no qual um filhote de saracura capturado em um riacho torna-se propriedade do narrador, um menino de uns seis anos de idade. Ele pretende proporcionar à avezinha uma vida mais confortável, a despeito das advertências do irmão mais velho. Suas mais recentes publicações (março/2006) e (outubro/2007) foram editadas pela Bertrand Brasil, tratando-se da coletânea de contos “A coleira no pescoço” (finalista do prêmio Jabuti/2007) e o romance “A muralha de Adriano” também finalista do Jabuti, em 2008. Seu último livro publicado, “Antes da meia-noite”, outra novela juvenil, foi editado pela Ática. No prelo, com lançamento previsto para setembro de 2009, o romance “*Moça com chapéu de palha*”.

Em entrevista concedida em julho de dois mil e nove, em Ribeirão Preto, Menalton conversa sobre o tema da velhice, sobre suas lembranças, seus livros e seus projetos para o futuro. Comenta que seus personagens não são autobiográficos, mas que são

frutos de pessoas que ele observou e conviveu durante os seus mais de sessenta e cinco anos. Para Braff, ter mais de sessenta e cinco anos traz uma sensação estranha de que o mundo está errado e de que a vida é injusta: “Quando a gente aprender a viver, a gente já está perto do fim. Deveria ser ao contrário, a gente deveria começar sabendo viver” (Entrevista gravada em julho de 2009).

O autor também discursa sobre suas lembranças da infância e relembra quando visitava a casa de sua avó. Lá havia um baú que ele tinha muita curiosidade de abrir, mas sempre lhe diziam que não podia e que tinha aranhas e outros perigos. Quando alcançou uma determinada idade e conseguiu abrir o baú, descobriu manuscritos e páginas de livros que pareciam do século XIX, escritas e guardadas pelo seu bisavô. Ele era um homem rude, do campo, que vivia no sertão do Rio Grande do Sul e era apaixonado por poesias. Sempre que ia à cidade vender o que produzia no campo, procurava um armazém onde comprava livros de poesia para ler a noite sob a luz de uma lamparina a querosene. Também era à noite que ele se aventurava a escrever versos, os mesmos que Menalton encontrou guardados naquele baú antigo.

Esse bisavô e a sua vontade de ler e escrever poesias encanta Menalton até hoje e ele acredita ser isso que o tenha levado para a Literatura. O bisavô, Salvador dos Passos, é o nome que Menalton usou no início de sua carreira literária. A letra que viu naquele momento e os escritos que ele pôde encontrar é o que mantinham o bisavô vivo: “(...) Folha de caderno manuscrita a lápis, uma letra meio redonda, eu me lembro da letra, está aqui na minha testa a letra, e folhas de livros, folhas despedaçadas de livros, coisas muito antigas, do século XIX ainda, que era o sonho, era o que mantinha esse meu bisavô vivo”. (Entrevista gravada em julho de 2009).

A construção dessa memória, que Menalton utiliza na literatura, é um elemento extremamente forte e dialoga diretamente com a construção do imaginário do mundo do idoso traçado em sua obra.

O trabalho de Ecléa Bosi, dedicado às *memórias de velhos*, hoje um clássico da sociologia, nos faz pensar as relações do tema de envelhecimento na própria constituição desse imaginário que se forma na literatura. A tensão entre a busca por uma compreensão desse ser social, presente no trabalho de Ecléa, e a prática artística de Menalton, nos fazem perceber a riqueza do tema da velhice e de suas implicações para a reflexão da própria noção de existência para o homem moderno e contemporâneo.

Ao longo dos contos e das próprias palavras do autor, percebemos essa construção do envelhecimento embasado na memória dos personagens e do próprio autor, entrelaçados como fios de uma imensa teia. Ecléa diz que: “A função social do

velho é lembrar e aconselhar – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir” (BOSI, ano, p.18); em Braff, vemos claramente o desdobramento da memória na construção desse escritor que foi se formando a partir de suas memórias e da figura do bisavô. As lembranças que o autor tem da infância, da casa da avó, do baú com os manuscritos e também as histórias que ouviu sobre o bisavô serviram de temas e incentivo para a construção de sua obra e de si mesmo.

### **A obra de Menalton Braff e o tema do envelhecimento**

Ao longo da obra de Braff temos a constante presença do tema da velhice. O envelhecer é abordado várias vezes em suas narrativas, focado por diferentes aspectos. Além da relação pessoal do ser humano com o avançar dos anos, o autor também toca a relação desse com a família, com a sociedade, com os animais de estimação, com a postura perante a idade e as delimitações com as memórias e perdas.

A decrepitude da vida é abordada pelo autor em diversos contos e tem o seu apogeu em alguns de seus romances. Nos livros de contos “À sombra do Cipreste” e “A coleira no pescoço” há alguns contos que exploram, de diferentes ângulos, esse aspecto crucial da existência humana.

Dentre todas essas pequenas fatias de vida, que Menalton nos mostra em seus contos, quatro requerem maior atenção dentro dessa temática da velhice: “À sombra do Cipreste”, “A coleira no pescoço”, “Adeus meu pai” e “Em branco e preto”. Embora vista de forma multiperspectivista, a finitude da vida é o ponto chave dessas narrativas. Tendo como protagonistas personagens idosos, as narrativas mostram as diferentes maneiras de envelhecer e os desdobramentos desses sentimentos frente a um processo inevitável.

Em “À sombra do Cipreste”, encontramos um enredo que apresenta a vida de uma avó que com a sua idade já avançada tem a tranquilidade de quem já cumpriu o seu papel na vida e agora a enxerga com sabedoria. Ela sabe analisar as ações de seus filhos e netos e tem a consciência de que suas opiniões apenas serão respeitadas enquanto ela viver:

Suas risadas cheias de intenções ambíguas me inquietam, não porque me sinta ameaçada, mas por ver nelas muito da essência humana – caldo grosso e corrosivo, quase nunca inocente. Meus netos. Encolhida em fuga, arqueada, esfrego com força os olhos nas sardas da mão, como se

estivesse acabando de acordar. Eles insistem na pergunta, sem saber se os ouço ou não, e por fim respondo com uma interjeição despropositada. A idade já me deu o direito de manter minhas opiniões em cofre escuro, sem as compartilhar com ninguém. Vai longe o tempo em que me batia guerreira na defesa de minhas idéias. Ademais, que posso eu dizer aos rapazes sobre a morte e que eles possam entender, se têm ainda os sentidos todos tão aguçados e eficientes, tantas raízes enterradas na vida. Eles trocam olhares joviais, rindo satisfeitos. Tolos, não sabem que ela só desvenda o rosto àqueles cujas raízes já começaram a secar. Nada digo, nem mesmo os condeno, pois também eu, em meu tempo, não vivia cada dia como se a juventude fosse invenção minha? No ano passado, estes senhores que discutem em volta da mesa, meus netos, ameaçaram derrubar o cipreste: Um salão de jogos, aí neste lado da casa, hem vovó, muito mais útil do que um jardim, não acha? Risquei com o dedo o ar que eles respiravam, um fogaréu de ódio me escurecendo os olhos, enquanto eu for viva, ninguém toca no meu jardim! Resolveram esperar, amoitados ao redor da mesa, por momento mais apropriado. (BRAFF, 1999, p.14)

A completude da avó nesse trecho fica muito clara. As experiências de vida fazem-na perceber todas as besteiras pensadas pelos netos, jovens que ainda não possuem essa experiência. Ela sabe que, assim como ela, quando eles descobrirem as respostas para as coisas da vida, ela já vai estar no fim. Embora saiba disso ela não se angustia, pois chega ao fim da vida serena e sábia, com a sensação de alguém que cumpriu o seu papel na terra.

“A coleira no pescoço”, por sua vez, apresenta o retrato da vida de um cão e um velho que são basicamente um único ser. Ambos passam a vida acorrentados um ao outro, cumprindo a sina de caminhar todas as manhãs juntos. Há muito tempo já não há carinho ou afeto entre eles e eles estão ao mesmo tempo separados e unidos por uma coleira esticada. A existência de ambos é justificada por essa caminhada matinal que já perdeu, há tempos, o sentido.

Durante toda a caminhada eles se recusam, e essa rejeição passa para eles mesmos em uma não aceitação da própria velhice e de suas conseqüências. O velho culpa o cão pela dor em seus joelhos e o cão culpa o velho pelas feridas das patas. Ambos seguem sem suportar a velhice e seus danos e sem suportar um ao outro, em uma convivência amarga e esgotante:

Nenhum dos dois conseguia disfarçar os danos da velhice, que suportavam em silenciosas e mútuas acusações. O velho parecia fazer um esforço enorme para puxar o cão ladeira acima. A sola seca de seus sapatos esfolava o ladrilho da calçada, arrancando-lhe um ruído ríspido, áspero, como se alguma coisa que se arrasta, e isso irritava o cão, cuja cabeça se mantinha o tempo todo virada de lado, o focinho apontando para a rua. Seu corpo todo era uma recusa tensa e escura, e ele tinha o olhar aborrecido de quem não pode esperar mais nada da vida além daquela coleira no pescoço, na ponta de uma corrente. (BRAFF, 2006, p.9)

“Adeus meu pai” narra a história de uma filha que passa a vida toda cuidando do seu pai que está velho e enfermo. Ela deixa de viver para viver para ele e quando ele morre a sua própria existência parece não ser mais necessária:

“Ninguém lhe contesta o direito de determinar a seqüência das ações naquela casa e naquelas circunstâncias. Há mais de trinta anos, desde que o entrevado e a filha vieram morar nesta água-furtada de fim de rua (...) Ela não tinha ainda estes olhos furtados tão tristes e medrosos nem sua pele era pálida como agora. Seu rosto era assim chupado, de maçãs salientes, nem seus cabelos tinham sido ainda tingidos pelas mãos do tempo. (BRAFF, 1999, p.22)

“Em branco e preto” é a história de Homero, um viúvo já idoso que passa seus dias revivendo lembranças de seu passado e de sua esposa. Ao reviver momentos passados olhando fotografias, objetos e pertences antigos, ele se vê submerso em uma realidade triste que se confunde com os objetos e com as lembranças. Há também uma bonita sensualidade despertada em Homero pelas lembranças de sua esposa e da época juntos. Os devaneios são tão intensos que atingem seu corpo. Todos os seus sentidos são despertados, seus olhos buscam imagens, seus dedos percorrem texturas e suas pernas estremecem em uma mistura ímpar de mente e corpo causada por suas memórias que o fazem voltar a ser adolescente:

Nunca foi tão urgente arrumar as gavetas. Botar ordem nas coisas da vida. Mas não tem pressa. Depois de cinco anos, aquela tontura com gosto de vertigem: um olhar de mulher. Não acreditava que as pernas lhe voltassem a tremer. E tremeram. Seus dedos percorreram as pregas e nervuras de uma



cueca e seus olhos passeiam pela sombra do quarto, pelas paredes impessoais e nuas. Há quantos anos! Ela, ainda pouco mais que uma adolescente. Tira as peças de uma gaveta e as dobra com cuidado, colocando-se em outra, onde pareçam mais harmonicamente ajustadas. Ou as joga sobre a cama para que ali fiquem à espera de quem, por mais que tente, não encontra seu lugar. (BRAFF, 2006, p.20)

A focalização em três dos quatro contos citados é feita a partir de um narrador em terceira pessoa, observador e onisciente. As ações, sentimentos e pensamentos dos personagens e também toda a caracterização do espaço e do tempo é revelada por esse foco narrativo. O narrador oferece, contudo, em alguns momentos uma ilusão de distanciamento para o leitor, acentuando o caráter dramático das cenas, como se a história contada tivesse realmente acontecido e ele se limitasse a dar-lhes um molde. O fato, entretanto, não é mantido, pois na tentativa de emoldurar as cenas a descrição acaba por revelar as suas impressões sobre as mesmas:

A penumbra do quarto esconde as mãos trêmulas e enrugadas com que Homero arruma desde cedo as gavetas da cômoda, e que se recolhem cheias de recordações e de cansaços, para repousarem sobre as coxas. Até quase com frio, elas, tão brancas, enquanto a cidade transpira. (BRAFF, 2006, p.19)

Soltas no regaço, em repouso, as mãos de Ana, ásperas e rugosas, desde a véspera irremediavelmente inúteis, não se movem. Há muito elas já vinham assumindo esta coloração baça de gesso, de maneira imperceptível porém progressiva, até que, esta madrugada, ao fitá-la através da fumaça, seus olhos sujos de pasmo e sono, ela diz para si mesma pois é, e eu continuo aqui, livre e sem razão. (BRAFF, 1999, p.19)

Uma língua de vento gelado passou rente ao chão, levantando em revoada, vida efêmera, folhas mortas de magnólia e de plátano, que se misturavam a outros detritos da rua. Com seu grosso boné de lã na mão direita, o velho cobriu o rosto e pensou que uma das maneiras de se morrer poderia ser assim mesmo: sufocado pelo cheiro da própria cabeça, um cheiro de suores noturnos e pesadelos. (BRAFF, 2006, p.9)

O narrador em “A coleira no pescoço” temporalmente nos conta a história de forma linear e contínua. O tempo nesse conto é simples e único, não ocorrendo recuos ou avanços no tempo. Através de sínteses narrativas, conhecemos a evolução do relacionamento entre o velho e seu cão. A história se passa em uma manhã fria e sem o surgir do sol.

A manhã passava sozinha, sem auxílio nenhum do sol, que se mantinha escondido entre nuvens grossas e leitosas. O vento amainou, e o boné voltou para o alto da cabeça do velho. Sem proferir uma só palavra, ele andou coisa de três passos. Outra vez aquele ruído áspero esfolando os ouvidos sensíveis do cão. Preso à ponta de uma corrente esticada, ele apenas manteve o equilíbrio: suas patas tentavam cravar as unhas no ladrilho do passeio, mas era uma tentativa absurda. (BRAFF, 2006, p.10)

Em “À sombra do cipreste”, onde encontramos um foco narrativo de primeira pessoa, temos um aspecto curioso. Essa narrativa é narrada pela personagem principal do conto, a matriarca da família em questão. A escolha por esse foco, diferentemente dos contos anteriores, acarreta uma maior subjetividade, já que as percepções apontadas ao leitor são sempre da avó, a voz centralizadora no conto. Em uma idade já avançada e com uma dose alta de sabedoria, ela vai analisando seus filhos e netos demonstrando o quão distante ela está da realidade deles e vice versa:

Mesmo de olhos fechados, eu sei que as cortinas vão balançar brandamente agora, e que a sombra do cipreste, então, vai descer pela janela para aparecer com timidez no tapete, rastejante. Todo o dia depois do almoço, quase perco o fôlego, de prazer e susto, ao vê-la chegar. Embora chova e o sol se esconda por trás de pesadas nuvens, ainda assim eu a sinto aninhada a meus pés. (BRAFF, 1999, p.11)

Conforme a personagem conta sua história, ela faz vários recuos e retornos no tempo criando um paralelo entre o vivido e o presente. As experiências da sua juventude ajudam-na a não julgar mal os filhos, mas a experiência presente em si no momento em que narra a história acentua a crítica perante as atitudes de seus familiares. Nesse jogo, entre o passado e o presente, o leitor vai podendo acompanhar a evolução da matriarca

como ser humano e a imaturidade ainda presente em seus netos, representantes da jovialidade:

A idade já me deu o direito de manter minhas opiniões em cofre escuro, sem as compartilhar com ninguém. Vai longe o tempo em que me batia guerreira na defesa de minhas idéias. Ademais, que posso eu dizer aos rapazes sobre a morte e que eles possam entender, se têm ainda os sentidos todos tão aguçados e eficientes, tantas raízes enterradas na vida. Eles trocam olhares joviais, rindo satisfeitos. Tolos, não sabem que ela só desvenda o rosto àqueles cujas raízes já começaram a secar. Nada digo, nem mesmo os condeno, pois também eu, em meu tempo, não vivia cada dia como se a juventude fosse invenção minha? (BRAFF, 1999, p.14)

A espacialidade dos contos selecionados é outro tema de destaque importante, pois ela se desdobra de diferentes formas, mas sempre no espaço urbano. Em “Á sombra do cipreste” a narrativa se passa na casa da protagonista, mais precisamente na sala de jantar. De acordo com a descrição sabemos que é um sobrado e há um belo jardim onde está plantado o cipreste. Toda a ação se passa nessa sala onde os personagens conversam, é desse diálogo que surgem todos os pensamentos e divagações da matriarca. Ela perpassa os espaços da casa com sua mente, seu espaço móvel é interior. Essa harmonia no espaço da casa: filhos no quarto, netos na sala e bisnetos brincando no jardim também existe no interior da protagonista ao narrar a história. Embora velha e no fim da vida, ela vive uma completude, uma sabedoria que é atingida por quem viveu tudo que precisava e sabe que fechou o ciclo da vida. A experiência de vida, saber que nem sempre é necessário brigar pelas próprias concepções e ter a consciência da imanência do fim da vida são idéias que vivem em paz em seus pensamentos, não permitindo uma existência angustiante.

A esta hora, a família toda já se dispersou. Os mais velhos, meus filhos, cabeças pesadas de neve e sono, subiram as escadas bocejando e arrotando, mas discretamente, como lhes ensinei há mais de cinquenta anos. Ao redor da mesa, ficaram apenas estes rapazes que adoram deglutir as tardes de domingo discutindo a bolsa, o campeonato de fórmula um – ou qualquer outro campeonato – contando anedotas picantes, mentindo sobre os respectivos sucessos. Eles competem sempre, sem descanso. Mesmo quando o tema é dos mais banais, eles se atacam como se disso dependesse a própria sobrevivência. Hoje, por causa do noticiário, eles

disputam com furor a respeito da morte. Enquanto isso, lá do jardim, sobre a algazarra de seus filhos, soltos como pardais. (BRAFF, 1999, p.11)

O espaço em “A coleira no pescoço” é uma ladeira íngreme que reforça muito a idéia do conto. Por ser uma caminhada obrigatória e insatisfatória para ambos os personagens, a inclinação da rua dificulta ainda mais o passeio matinal do cão e do velho. As janelas ainda fechadas em razão do frio e as várias folhas secas espalhadas pelos ladrilhos aderem ainda mais tristeza a esse cenário de vida:

O velho fazia um esforço enorme para puxar o cão ladeira acima. (...) A rua subia a ladeira encolhida entre casas de janelas fechadas e algumas árvores de folhas amarelas. Tosses e vozes mal chegavam às venezianas: a cidade recusava o dia. Além do velho e do cão, ambos arrastando-se com dificuldade pela calçada, bem poucos transeuntes, de cabeça baixa, enfrentavam o frio que ainda restava da noite longa (BRAFF, 2006, p.11)

“Em branco e preto” encontramos um espaço triste, escuro e imóvel como a vida do protagonista Homero. Nessa narrativa, homem e espaço se fundem mostrando uma imagem única e homogênea de uma existência congelada no tempo, a fotografia:

A penumbra do quarto esconde as mãos trêmulas e enrugadas com que Homero arruma desde cedo as gavetas da cômoda. (...) Passeia pelo quarto, espécie de jaula escolhida ao acaso depois que Isaura tornou-se uma lembrança. (BRAFF, 2006, p.19)

Há, na narrativa, sempre um paralelo entre o calor, fora do quarto, e o interior do mesmo, que parece sempre frio. Homero sempre permanece “olhando” o calor externo, tem-se a impressão de que dentro do quarto não há vida, e fora dele sim.

Aproxima-se novamente da janela e, reclinando sobre o parapeito, mergulha a cabeça branca e os ombros estreitos sobre a luz. Olha a cidade escondida por baixo dos telhados e sente um pouco de calor. Olha com insistência para o calor da cidade porque não entende como tanta gente consegue esconder-se do sol que desde cedo se despeja em carne viva sobre o casario. (BRAFF, 2006, p.20)

Essa tranquilidade do espaço também ocorre no tempo. As ações de Homero são sempre calmas e o narrador conta cada gesto, cada lembrança vinda à tona, na medida em que ele vai olhando as fotos e os objetos do passado de forma detalhada e intimista. A narrativa se desenrola calmamente enquanto ele arruma suas gavetas, até o momento em que é interrompido por alguém que bate à porta.

Batidas leves na porta do quarto interrompem as divagações de Homero. Ele torna a mirar-se no espelho, de relance apenas, porque desconfiado, e o que vê é um rosto de adolescente assustado. Fecha afobadamente as gavetas da cômoda e nem toma cuidado para que desapareçam todas as roupas que estivera guardando. Ao levantar-se, descobre na fotografia, em primeiro plano, uma deusa de cabelos curtos e castanhos. Quase eterna. (BRAFF, 2006, p.22)

No conto “Adeus, meu pai” temos também um diálogo perfeito entre a vida levada pela protagonista e o espaço onde se passa a história. O cenário é a sala de uma casa que está servindo de palco para o velório do pai de Ana, a protagonista. O local está abafado, e é difícil respirar no interior dele em razão do cheiro das velas e das flores que estão murchando. A vida de Ana também era assim, sufocada pela obrigação de cuidar do pai e por ter tomado a vida deste como sua responsabilidade. Quando o pai morre, a filha que já estava murchando como as flores do velório, perdendo toda a razão de estar viva.

O tempo nesse conto também é linear. O velório do pai de Ana nos é contado até o momento em que chega o parente distante que todos esperam ansiosos. Durante todo o conto, há várias sínteses narrativas que explicam a situação atual da protagonista e como ela chegou nesse estado de decadência profunda no qual ela se encontra no momento presente no conto. O velório se passa em uma madrugada fria e silenciosa:

Portas e janelas mantêm-se fechadas desde o início da noite: o frio lá fora, rondando a casa, silencioso, enquanto na sala esfumaçada de vez em quando alguém abafa a tosse com a mão, pede um copo d’água, tenta espantar o sono. A mulher que até agora vem puxando o terço abre um pouco a janela da frente, respira a noite – sua cabeça escondida atrás da veneziana: não suporta mais o cheiro adocicado e murcho das flores, ela esclarece assim que retorna. (BRAFF, 1999, p.19)

## Conclusão

A velocidade do mundo hoje não é desfrutada por todas as classes sociais. O moderno, o novo e o dito essencial para se estar no mundo não são categorias incorporadas por todos. Alguns apenas sobrevivem embora, enquanto seres humanos precisam existir plenamente. A sociedade contemporânea, moderna e capitalista oprime a classe senil e o pouco que lhe resta, sua memória:

Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro é opressor. (BOSI, ano, p.18)

Em meio a essa realidade esmagadora, a Literatura propicia uma espécie de defesa criativa dessa classe, que precisa, sobretudo, guardar a memória, uma reiteração da causa da existência digna. Nos contos de Menalton Braff, ele junta fatias de vida e nos oferece um banquete de reflexão do que é ter mais de sessenta em cinco anos no contexto atual. O envelhecer passa pelos olhos do leitor como um filme que alerta, comove e intriga. Nas narrativas poéticas de Braff, podemos acompanhar uma metáfora da montagem:

É fato conhecido que o conceito de montagem deriva do cinema: “junção artística, já prevista no roteiro, de seqüências de imagens e cenas individuais em situações espaço-temporais diferentes, que não estão vinculadas por relações objetivas de ação ou pensamento” [...] justaposição inusitada (“estranhante”) não só de níveis de realidade, como também de palavras, pensamentos e frases de procedências diferentes. [...] atividade de fusão ou síntese mental, em que pormenores isolados (fragmentos) se unem, num nível mais elevado do pensamento, através de uma maneira desusada, emocional, de raciocinar – diferente da forma lógica comum. (NETTO CARONE, 1974, p. 102 - 103)

A idéia da montagem sobrepõe cenas de um mundo envelhecido e sem cor, vivido por aqueles que já atingiram a chamada terceira idade, mas, também, nos indica uma reflexão sobre o porvir.

O autor constrói seus personagens e nos mostra como eles encaram a velhice. Em uma síntese inusitada, Menalton vai unindo personagens: o velho e seu cão, a avó amiga do cipreste, Homero e suas fotografias, Ana e seu pai entrevado, todos em espaços e tempos distintos, mas todos vivendo o fim da vida, o borbulhar da memória e o desfalecimento do corpo. Fatias de vida que, sobrepostas, mostram que o velho é um produto da existência e que sua memória vai muito além dos fatos vividos, porque nos denuncia a todos nós.

### **Referência**

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

NETTO, M.C. **Metáfora e Montagem**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOSI, E. **Lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

BRAFF, M. **A coleira no pescoço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRAFF, M. **A sombra no cipreste**. Ribeirão Preto, SP: Palavra Mágica, 1998.